

# MIRA E PONCIÁ: O SER E O NÃO-SER

Jorge Marques<sup>7</sup>

Elódia Xavier<sup>8</sup>

## RESUMO

Na Literatura Brasileira contemporânea figuram duas obras singulares, nas quais gênero e raça surgem como elementos de fundamental importância no enredo. Os livros **A cor do preconceito** e **Ponciá Vicêncio** constituem exemplos de textos nos quais as protagonistas (re)constróem suas identidades a partir do momento em que são deslocadas sócio-geograficamente pelas peripécias narrativas. Os caminhos trilhados levam as personagens à perda ou à reinvenção de seu eu-interior: pontos opostos suscitados pela experiência da desterritorialização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Brasileira de autoria feminina. Etnia. Identidade. Deslocamento.

## MIRA AND PONCIA: BEING AND NON-BEING

## ABSTRACT

In Brazilian Contemporary Literature there have been two unique pieces where genre and race appear as fundamental elements in the plot. **A cor do preconceito** e **Ponciá Vicêncio** represent texts where the main characters (re) build their identities as from their socio-geographical movement throughout the narrative. Their life-stories lead characters to an inner loss or to a reinvention of their selves: opposite sides brought into the scene by their experience of displacement.

**KEYWORDS:** Brazilian Literature. Race. Identity. Displacement.

As obras **A cor do preconceito** (CAMPOS; CARNEIRO; VILHENA, 2006) e **Ponciá Vicêncio** (EVARISTO, 2003) constituem colaborações notáveis para o corpus da

<sup>7</sup> Professor efetivo do Colégio Pedro II (campus Engenho Novo II) e do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

<sup>8</sup> Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pós-doutora em Psicologia Social pela USP. Professora Adjunta IV, aposentada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Literatura Brasileira contemporânea. A partir de enfoques diferenciados, os dois livros apontam para um interesse temático em comum, a saber, a narrativa de fatos que advém do entrecruzamento das relações de gênero, raça e deslocamento sócio-geográfico em nosso país.

Primeiramente, é importante realizar uma breve apresentação dos textos: A cor do preconceito faz parte da coleção “Jovem Cidadão”, que se propõe a discutir questões emergenciais da sociedade brasileira contemporânea. Um fator que singulariza as obras que compõem a coleção é a associação texto literário – texto referencial, ou seja, os livros são elaborados de maneira que se alternam informações teóricas sobre o tema tratado e a obra ficcional em si. Desse modo, há uma evidente preocupação (para)didática dos editores, reforçada por recursos como a inserção de um suplemento de atividades voltadas para estudantes, além de boxes informativos e infográficos. Jovens que cursam a segunda etapa do Ensino Fundamental parecem constituir o público a ser atingido pela proposta da editora.

Se em **A cor do preconceito** temos uma narrativa cujo público-alvo é o jovem, a obra de Evaristo transcende esse fator: sua fruição pode ser realizada por leitores de diversas categorias (desde aqueles em etapa de refinamento do processo de leitura até os que possuem um arcabouço de experiências com textos literários mais sofisticados), e a faixa etária do receptor influenciará tão-somente no aprofundamento das análises sobre questões levantadas pelo texto. Dessa maneira, não há preocupação expressa ou subjacente, seja no texto literário, seja no projeto editorial ou gráfico, que leve a crer no investimento em uma estratégia que vise a atrair jovens leitores. Apesar disso, há notícias de experiências bem sucedidas na adoção de Ponciá Vicêncio no âmbito escolar. Portanto, temos, por um lado, **A cor do preconceito**, obra elaborada, produzida e formatada com o intuito evidente de atender a leitores pertencentes a faixas etárias mais baixas e, mais do que isso, ao universo dos Ensinos Fundamental e Médio. Não é à toa que sugestões interdisciplinares e notas explicativas aparecem a todo momento no produto editorial ensejado. Tal realidade talvez tenha a ver com a implantação da lei 10639/ 03, que tornou obrigatório em todo o território nacional o ensino de literatura e cultura africana e afro-descendente, e o evidente desejo das editoras em atender a

demanda por títulos que contenham, além da temática afro-descendente em si, material de apoio para o trabalho a ser desenvolvido em sala de aula pelos professores. Já Ponciá Vicêncio, em seu singelo projeto gráfico, embora em princípio pareça passar ao largo de preocupações mercadológicas imediatas, ensejadas pelo advento da citada lei, termina por fazer parte de uma safra de obras que refletem/ reposicionam a identidade afro-descendente na Literatura Brasileira da atualidade. Direta ou indiretamente, portanto, acaba por se inserir em um contexto pós-lei 10639, o qual, malgrado a lentidão das instituições de Ensino Fundamental e Médio em implantar as temáticas exigidas, estabelece no mercado editorial do país um crescente e sistemático interesse por obras que tratam de questões relativas à afro-descendência.

No romance de Conceição Evaristo (2003), os nomes pouco usuais, com acentos fonéticos claramente influenciados por línguas africanas, aparecem em várias das personagens: é NênguaKainda, a anciã detentora de todos os saberes; é Luandi, irmão da protagonista, em sua bela e ingênua luta pela ascensão social através do desejo único de se tornar soldado; é Bilisa, a prostituta que não cobra pagamento dos homens que a satisfazem ou com quem mantém no sexo alguma relação de afeto; é Ponciá, a protagonista, aquela a quem o próprio nome sempre soou estranho, aquela que falava e repetia, escrevia e reescrevia o significante autodesignador dezenas de vezes no afã de estabelecer o reconhecimento de si própria. Ponciá, aquela cujo acento agudo no final do nome parecia machucar fisicamente, e cujo sobrenome, Vicêncio, não constituía herança dos seus, mas um legado imposto pelos brancos, donos das terras e dos negros que nelas trabalhavam. A crise identitária da protagonista é habilmente estabelecida a partir de seu próprio nome, o que nos leva a concluir que Ponciá, a que chorou no ventre materno, não chega a constituir um signo: tem significante, mas não tem significado; em outras palavras, é um ser em busca da identidade própria em todo o decorrer da narrativa:

[Ponciá] pediu ao homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio. Ele, espantado, perguntou-lhe como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que poderia chamá-la de nada. (EVARISTO, 2003, p. 20).

Em **A cor do preconceito**, os nomes escolhidos para as personagens reproduzem o padrão estabelecido pelo mercado editorial para jovens no Brasil. Identidades urbanas

construídas a partir de designações corriqueiras, desfilam Cristina, Mariana, Marcos, Ricardo, Sônia, acompanhadas dos apelidos diminutos de Dida (Diego), Patty (Patrícia) e Rafa (Rafael). Fogem à regra as denominações de personagens pouco explorados na narrativa: Lino e Mabel, respectivamente tio e tia da protagonista Mira. A última, a propósito, adota para si a corruptela de seu nome de origem (Miriam – Mira), uma invenção construída por seu irmão caçula quando em processo de aquisição da linguagem. Apesar disso, Mira não constitui uma identidade esfarelada; antes, ela digere a transformação Miriam – Mira e reinventa o próprio nome. Esse processo chega a limites tão extremos que “ela só se lembrava de que se chamava Miriam na hora de assinar o nome, ou, então, preencher algum formulário” (CAMPOS; CARNEIRO; VILHENA, 2006, p. 126). Mira é, assim, “sinônimo de objetivo, meta, determinação” (Ibidem). Ao contrário de Ponciá Vicêncio, Mira é uma identidade em construção, que se estrutura através de ações de auto-reconhecimento étnico. É através da assunção de seus caracteres próprios – seja a pele negra que brilha, seja o cabelo em forma de tranças – que ela encontra a saída para dilemas que poderiam e, efetivamente, levam-na à tentação de apagar as suas marcas identitárias. Isso ocorre, primordialmente, no desejo manifesto da personagem em alisar os cabelos, seguindo, dessa maneira, a demanda cosmética exigida pelo meio *teen*. Nesse sentido, cabe lembrar que

[...] no Brasil, a construção da (s) identidade (s) negra (s) passa por processos complexos e tensos. [...] É nesse processo que o corpo se destaca como veículo de expressão e de resistência sociocultural, mas também de opressão e negação. O cabelo como ícone identitário se destaca nesse processo de tensão [...]. (Ibidem, p. 21).

Trata-se de um recurso perspicaz ensejado pelas autoras, portanto, o fato de Mira, no capítulo final da obra, exibir orgulhosa e vaidosamente as suas tranças enfeitadas com prendedores de borboletas, reabilitando a marca identitária que tencionava ser esmaecida em prol de uma facilitação no processo de inclusão social. Desse modo, enquanto Ponciá não é, Mira se faz ser.

Os ensinamentos do professor Junito Brandão sobre a tragédia grega levam-nos a inserir Ponciá Vicêncio na categoria de personagem trágica. Ponciá ouve continuamente de seus familiares o fato de carregar consigo a herança deixada pelo avô,

sem, entretanto, decifrar o conteúdo das falas pronunciadas à sua revelia:

Sempre que falavam dele [o avô] (falavam muito pouco, muito pouco) a conversa era baixa, quase cochichada e quando ela se aproximava, calavam. Diziam que ela se parecia muito com ele em tudo, até no modo de olhar. Diziam que ela, assim como ele, gostava de olhar o vazio. Ponciá Vicêncio não respondia, mas sabia para onde estava olhando. Ela via tudo, via o próprio vazio. (EVARISTO, op. cit., p. 29)

Não sabe Ponciá que Vô Vicêncio cometeu a falha trágica (*hamartia*), ao assassinar a esposa e se mutilar. Não sabe Ponciá que o homicídio foi motivado pelo desespero do homem ao constatar que os da sua etnia e, em particular, sua família, eram tão inclementemente explorados pelo senhor branco. A morte era melhor do que suportar a miséria de condições sub-humanas: o avô, também ele personagem trágico, cumpre sua pena ao perder a razão, e transmite aos descendentes, em especial, à Ponciá, o legado de seu ato insano. Na tragédia grega, essa relação é denominada de *génos*: “Pode o vocábulo [*génos*] ser traduzido, em termos de religião grega, por “descendência, família, grupo familiar” e definido como *personae sanguine coniunctae*, quer dizer, pessoas ligadas por laços de sangue” (BRANDÃO, 2007, p. 77).

Sendo assim, Ponciá já tem seu destino traçado mesmo antes do nascimento. E, quando criança, ela escorrega do colo de sua mãe e caminha sem antes ter engatinhado, reproduzindo o grotesco andar de Vô Vicêncio, todos de sua família já sabem da herança: a insanidade, o chorar e rir simultâneo que caracterizavam a patética existência do avô após o assassinato da mulher. Portanto, Ponciá é uma pré-destinada: seu *génos* é amaldiçoado; sua sina, a loucura. O perfil trágico da personagem se completa ao lembrarmos que ela é caracterizada pela solidão com que se desloca pelos diversos espaços físicos e existenciais durante sua vida, o que culmina no isolamento maior: o afundar-se em si mesma, através da letargia que a levará continuamente ao ato de recordar. Nem o casamento salva a personagem da solidão, o que pode ser conferido na seguinte passagem:

Percebeu que cada um tinha os seus mistérios. Sentiu que, apesar de estarem vivendo juntos anos e anos, como eram estranhos um

para o outro. Descobriu que, apesar de já se terem encontrado tantas vezes no gostoso prazer do corpo, [...] apesar de tudo, ela e ele eram desesperadamente sozinhos. (EVARISTO, op. cit, p. 109).

Assim como Édipo vaga sem rumo após o exílio, Ponciá Vicêncio desloca-se por espaços diversos no decorrer da narrativa; assim como Édipo, ela vive na mais absoluta solidão; se Édipo tem a cegueira a toldar-lhe o sentido, Ponciá tem a loucura a toldar-lhe a razão.

Nesse contexto, a personagem passa a exercer movimentos exclusivamente internalizados, o que a leva ao completo desleixo doméstico. Ponciá resta em um estado de radical apatia, o que leva o marido a chamá-la de “pancada” e os vizinhos a aconselharem a internação em um hospício. Ponciá, na verdade, morre em vida.

Por outro lado, Mira é a vida que brota. O frescor do texto de **A cor do preconceito** condiz à perfeição com o caráter do enredo narrado. Mira é o viço da adolescência que se cumpre, no sentido de que logra ser a construtora de seu próprio destino, e nisso difere de Ponciá, personagem trágica cujo fado já se definiu. É importante notar que Mira faz-se reinventar através do conhecimento. É ele que localiza a personagem em seu papel social, dotando-lhe a consciência de sua condição étnica. Ponciá Vicêncio abre mão de realizar ação semelhante, o que pode ser notado por sua escolha em apartar-se do mundo real. Ocasião houvera em que Ponciá lia e guardava recortes de jornais. Além disso, trabalhava continuamente, o que levou o homem com quem se casou a admirar a movimentação comezinha, pequena e constante, que lhe proporcionava reduzidíssimos, mas sistemáticos ganhos financeiros. Nessa época, a informação, embora assistemática, dava-lhe acesso a notícias diversificadas, as quais eram armazenadas. Em um arroubo, entretanto, ela resolveu desfazer-se de todo aquele material preciosamente guardado: “Um dia Ponciá juntou todas as revistas e jornais e fez uma grande fogueira com tudo. [...] O mundo podia virar de cabeça para baixo, que pouca diferença faria, que ela pouco se dava, que ela pouco se dava...” (Ibidem, p. 91).

Ponciá Vicêncio repete, portanto, o âmagô da atitude de seu avô. Também ela, em um rompante, destroi, aniquila, extingue. Claro é que Vô Vicêncio realiza um ato extremo ao matar a esposa, mas quão extremo não pode ser considerado o gesto da neta ao exterminar toda uma coleção de conhecimento arquivado? Com efeito, Ponciá age

para ficar inerte; arruína as informações recolhidas a fim de que elas não possam vir a ocupar espaço em seu pensamento. Desse modo, nada impede que a personagem tenha como único exercício de vida o lembrar pétreo de fatos, pessoas, situações.

Mira e Ponciá Vicêncio compartilham, na verdade, a experiência da desterritorialização. Ambas as personagens realizam movimentos de afastamento de seu meio sócio-geográfico de origem, o que as leva ao enfrentamento de uma nova realidade de vida. É revelador o fato de, em **A cor do preconceito**, o primeiro e o último capítulo do livro apresentarem a protagonista no ponto de ônibus à espera de condução. A narrativa adquire um caráter circular, e não se pode deixar de notar o significado que o meio de transporte apresenta no contexto: Mira passa pela experiência do deslocamento, e são as conseqüências desse movimento que constituem o cerne dos fatos narrados nos seis primeiros meses de sua “nova” vida. Em outras palavras, a personagem é transportada não só do ponto de vista sócio-geográfico, mas também do ponto de vista existencial, e o ônibus é o objeto-síntese da movimentação que se concretiza.

Dentro do enredo do livro, Mira, uma adolescente negra, pertencente a uma família de classe popular, vê-se, repentinamente, às voltas com uma bolsa de estudos que lhe garantirá o acesso a uma das melhores escolas da cidade. No percurso escola pública – escola de elite, Mira sai do confortável universo que já lhe era conhecido e passa a conviver com atores sociais diferenciados de seu ambiente de origem. Desse modo, Mira é figura exótica no sofisticado Colégio Strauss. Não há colegas negros em sua sala de aula, e mesmo em toda a instituição ela só consegue avistar de relance outro aluno de sua etnia, com o qual, entretanto, não mantém entrosamento. Abre-se espaço para que Mira seja objeto de curiosidade, desde a sugerida a partir de olhares até a que se manifesta através da verbalização: como ela fora parar naquele ambiente? Como suas tranças eram feitas? Onde ela morava?, o que a deixa em uma declarada situação de desconforto.

Sendo assim, no deslocamento estabelecido a personagem depara-se com entraves sócio-étnico-culturais em seu primeiro semestre de aulas no novo espaço, período de tempo narrado no livro. Um elemento importante a ser destacado é o fato de, em uma inteligente leitura das complexas relações étnicas da sociedade brasileira, as autoras evitarem divisões maniqueístas na narrativa estruturada. Além disso, nota-se um esforço claro de trazer ao público leitor a reflexão acerca do preconceito velado

- aquele que não se declara, mas que é insinuado, excludente pela omissão e não pela rejeição verbalizada. No enredo de **A cor do preconceito**, Mira é incluída pelos seus pares no aspecto acadêmico, já que se trata de uma aluna aplicada (motivo pelo qual recebera a bolsa de estudos), mas ressentida-se pelo fato de sistematicamente os colegas “esquecerem-se” de convidá-la a fazer parte das reuniões sociais da turma.

Por outro lado, é interessante notarmos o quanto a palavra (ou a ausência dela) constitui um dos elementos sistematicamente abordados pela autora ao narrar a formação de Ponciá Vicêncio. Em diversas das páginas do romance de Evaristo, é possível observar que tem domínio das situações de vida aquele que se apropria e exerce o poder contido no verbo: “Ela se lembrou também de que o pai e a mãe ficavam conversando no outro cômodo até tarde da noite. Aliás, só se escutava a voz da mãe. Do pai só se ouvia uma resposta ecoando: hum... hum... hum...” (EVARISTO, op. cit., p. 56).

O trecho acima se completa em:

Quando ele [o pai] chegava, era ela [a mãe] quem determinava o que o homem faria em casa naqueles dias. O que deveria fazer quando regressasse lá para a terra dos brancos. O que deveria dizer para eles. O que deveria trazer da próxima vez que viesse para casa. [...] O pai às vezes discordava de tudo. [...] A mãe repetia o que havia dito anteriormente. O pai fazia o que ela havia pedido e saía sem se despedir dela e da filha, puxando o filho pela mão. (Ibidem, p. 27).

O matriarcado familiar se estabelece, desse modo, em função do domínio exercido pelo poder da palavra, o que leva a menina Ponciá a refletir que “o pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam” (Ibidem). É dessa época a impressão que a personagem levará para a vida toda: a de que homem quase não fala. Ao quase mutismo do pai, somam-se a quietude do irmão e, posteriormente, o naco de comunicação verbal que o marido lhe proporciona. Ponciá tem, como experiência de vida, o convívio com o sexo masculino reservado, retraído, emudecido.

Cabe ainda ressaltar que os movimentos de idas e vindas de Ponciá Vicêncio fazem-na transitar por espaços sócio-geográficos diferenciados. Como um pêndulo, a personagem realiza o deslocamento campo – cidade – campo – cidade. Ponciá é oriunda do campo, espaço onde viveu uma infância feliz, malgrado as limitações materiais impostas por sua condição social. Na delimitação geográfica dos espaços narrativos

elaborada por Evaristo (2003) é possível observar que a personagem, na verdade, faz parte da periferia da sociedade campestre. Isso significa dizer que há, no campo, dois sub-espços bem definidos: as terras dos brancos, caracterizada pela prosperidade, e as terras dos negros, onde se pratica precariamente a agricultura de subsistência. As terras dos brancos encontram-se fisicamente mais próximas da estação do trem, meio de transporte que adquire significado semelhante ao assumido pelo ônibus em **A cor do preconceito**. As terras dos negros, então, constituem não somente a periferia física, mas também a sócio-econômica. A partir do momento em que, adulta, a protagonista decide partir para a cidade em busca de melhores condições de vida para si e para os seus, ela repete a aventura diaspórica de outros de sua etnia que, inconformados com o regime de semi-escravidão que lhes era imposto pelos senhores brancos, realizaram o mesmo gesto.

É importante notar que, no texto de Evaristo (2003), campo e cidade são espaços arquetípicos, ou seja, não há preocupação toponímica. O que há é a informação de que, para se chegar à cidade, três dias e três noites eram necessários, o que denota a significativa distância que separa um espaço do outro. Se, no espaço de origem, Ponciá tinha dificuldade de se reconhecer, é na cidade que a personagem perde-se por completo. Longe da terra e dos seus, ela não encontra referência de nenhuma espécie. À deriva, sente o vazio dominar-lhe a razão, “era como um buraco que abrisse em si própria, formando uma grande ferida, dentro e fora dela, um vácuo com o qual ela se confundia” (Ibidem, p. 45): é a herança de Vô Vicência que começa a se manifestar, paulatinamente. A moira começa a tecer sua rede e Ponciá, atordoada, não exerce nenhuma ação contrária ao que o destino trágico lhe impõe. Apesar disso, trabalha continuamente, na esperança de um dia ter condições de trazer seus familiares para morar consigo em uma casa na favela. Claro é que Ponciá caminha em círculos: sai de uma periferia para em outra restar; deixa a pobreza do campo para conviver com a miséria urbana.

Ao lograr acumular parco patrimônio, após anos de trabalho, Ponciá, seguindo o movimento pendular que lhe é característico, volta ao campo. O que encontra em sua casa, no entanto, é só abandono: todos haviam se evadido. Encerrado seu sonho de proporcionar novas oportunidades à sua família na cidade, é sozinha que Ponciá retorna a este espaço. Nessas idas e vindas, frustração e decepção são dois dos sentimentos que a assolam. A volta à cidade precipita a tragédia da personagem: as ausências tornam-se

cada vez mais comuns, o processo de insanidade acelera-se, a letargia toma conta de sua existência. Ponciá reifica-se. Se tentara construir uma identidade ao ir para a cidade em busca de melhores condições de vida, se lutara por acumular bens através do trabalho árduo, tudo isso tem seu impedimento em função da herança que lhe cabe: o chorar e rir simultâneos, o vácuo existencial, o rememorar contínuo. Nesse sentido, Ponciá morre. Ela é o não-ser. Objeto inútil de servidão doméstica, mal consegue cozinhar para o marido. Essa personagem trágica da Literatura Brasileira contemporânea é uma *gauche*. Não se insere no novo meio social, o que resulta no fato de, a seu deslocamento geográfico, corresponder o seu deslocamento existencial.

Mira e Ponciá representam caminhos existenciais diversificados. São construções identitárias que partem de um mesmo pressuposto, ou seja, indivíduos afro-brasileiros em processo de deslocamento e, mais do que isso, de desterritorialização. Entretanto, a tragédia imobilizadora de Ponciá e o *gestus* pró-ativo de Mira levam-nas a pontos de chegada diametralmente opostos: Mira desloca-se, é deslocada e reinventa-se para reinserir a si e aos seus pares; Ponciá desloca-se, é deslocada, realoca-se (sem encontrar o seu lugar de origem), desloca-se novamente e deixa de ser, existencial e sócio-politicamente. Mira é o ser, Ponciá o não-ser.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P.A. **reprodução**: elementos para a teoria do sistema de ensino. Lisboa: Vega, 1978.

BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. V. 1).

CAMPOS, C. L.; CARNEIRO, S.; VILHENA, V. *A cor do preconceito*. São Paulo: Ática, 2006.

DUARTE, E. de A. “O *Bildungsroman* afro-brasileiro de Conceição Evaristo”. *Revista estudos feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, jan./abr. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104026X2006000100017&lng=&nrm=iso&tlng=](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2006000100017&lng=&nrm=iso&tlng=). Acesso em: 04 maio 2012.

EVARISTO, C. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

GOMES, N. L. *Sem perder a raiz*: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MOITA LOPES, L. P. da. *Discursos sobre gays em uma sala de aula no Rio de Janeiro*: é possível *queer* os contextos de letramento escolar? In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra; A QUESTÃO SOCIAL NO NOVO MILÊNIO. *Anais...* Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel3/LuizLopes.pdf>. Acesso em 02 maio 2012.

NOVAS diretrizes nortearão educação étnico-racial. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=10259](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=10259). Acesso em: 25 abr. 2012.

